

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

FÓRMULAS DA SEXUAÇÃO: UM NECESSÁRIO RECURSO PARA A DISCUSSÃO CRÍTICA EM TORNO DOS DIAGNÓSTICOS DAS SEXUALIDADES

Olga Queiroz Veridiano

Quantas pessoas não escutam ainda hoje em suas análises ou mesmo em seminários e aulas de psicanálise que as homossexualidades são modos de tentar negar ou resistir à diferença sexual? Quem nunca presenciou falas dentro do campo psicanalítico de que as homossexualidades buscam rejeitar a alteridade e que, por isso mesmo, são narcísicas ou até mesmo auto-eróticas?

A gente sabe que Ernest Jones e Anna Freud (sim, a própria Anna Freud - que de tão “amiga” da Dorothy Tiffany, morou junto com essa e criou como se fossem seus os filhos da “amiga”) organizaram uma articulação para negar o acesso de homossexuais na formação de psicanálise. Curioso que foi uma outra “amiga” da Anna Freud, a Lou Salomé, quem, inclusive, escreveu em co-autoria o relato de caso que a Anna Freud apresentou para ser admitida na formação. À época, a exigência de admissão era a leitura de um trabalho sobre um caso clínico que o candidato tivesse conduzido. Hoje, sabemos que o caso que a filha do Freud apresentou foi o da sua própria análise com o pai, na sua perspectiva de adulta e clínica. Freud intitulou o artigo sobre seu caso como “Bate-se numa criança: contribuição ao conhecimento da origem das perversões sexuais” (1919) e Anna intitulou a sua versão desse mesmo caso como “Fantasias de surra e devaneios” (1922). Quer dizer, ela foi admitida por meio do relato de um caso que ela não conduziu, mas que foi a analisante, e que posteriormente trabalhou junto com sua “amiga” a fim de extrair suas próprias consequências com interesses teóricos e clínicos. Chama a atenção essa disparidade entre os pesos e medidas na trajetória da criadora da psicologia do ego.

Sabemos também que já no século XXI, no início dos anos 2000, cerca de 10 anos após a retirada das homossexualidades da lista de doenças e distúrbios mentais presentes no CID, ocorreu na França o debate sobre a adoção de crianças por famílias homoafetivas. Jean-Pierre Winter declarou-se contra a adoção e afirmou que casais homoafetivos querem fabricar “crianças simbolicamente modificadas”. Já o influente

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

psicanalista lacaniano Charles Melman, na mesma ocasião, não foi tão inventivo e repetiu a perspectiva mais difundida: acusou as famílias homoafetivas de serem adeptas de um tipo de narcisismo primário do qual estaria excluída toda relação verdadeira com o outro (JORGE, 2021, p.32).

Em pleno tempo pós-pandêmico, e pós 2018 - o ano da retirada das transexualidades do CID - Marco Antônio Coutinho Jorge, importante psicanalista carioca que, inclusive, foi quem publicou em tom de denúncia e em livros consagrados essas histórias de homofobia institucional na psicanálise que acabei de mencionar, mantém sua posição teórica e clínica de que pessoas trans, devido a uma suposta homofobia internalizada, acrescida da influência de uma epidemia histórica coligada com os avanços técnicos e ideais científicos da indústria farmacêutica, buscam resolver o mal entendido entre os sexos no bisturi e não por meio da elaboração simbólica que compreende que o pênis não é o falo. Essa posição tem sido bastante criticada, sobretudo por parte dos psicanalistas transmasculinos não binários e transviados, embora não apenas (JORGE, 2019, p. 88).

Mas o interesse desta presente comunicação não é apenas lembrar o mal estar que há na psicanálise, mesmo nos espaços considerados mais qualificados, em relação às homossexualidades e também sobre as transexualidades. Não basta evidenciarmos os aspectos políticos travestidos de “psicanálise verdadeira” dessas posições problemáticas. É preciso que discutamos, enquanto psicanalistas, os fundamentos teóricos que sustentam as escutas clínicas de cada analista que corrobora tais afirmações. Afinal, as interpretações psicanalíticas sobre as sexualidades também estão em disputa desde sempre no seio das escolas e instituições de psicanálise. Penso que, para isso, as fórmulas da sexuação são importantes e estratégicas.

Há duas vertentes interpretativas majoritárias sobre as fórmulas da sexuação. Uma, entende que com esse matema Lacan estaria, finalmente, mostrando o que afinal significa ser mulher e homem segundo os parâmetros da psicanálise. Outra, compreende que o matema não deve ser lido como se fossem dois lados fixos, separáveis. Não compreende que cada um deva se identificar ou se reconhecer como tendo uma única posição de gozo, sendo essa, então, escrita conforme um dos lados do matema. A diferença diametralmente oposta entre essas duas leituras mencionadas se deve, principalmente, ao gesto lacaniano de nomear, ao apresentar oralmente o matema no seminário XX, cada um dos seus lados por “homem” e “mulher”. Se na primeira leitura, essa nomeação reforça a hipótese de que tais nomes são espécies de legendas da parte inferior escrita; é bem verdade que no eixo interpretativo da segunda

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

leitura, é frequente ou a recusa ao gesto de Lacan com a referida nomeação, ou mesmo a admissão da não compreensão sobre suas intenções. Essa aparente insuficiência explicativa da segunda leitura geralmente fortalece os adeptos da primeira interpretação, que por conseguinte, afirmam a si mesmos como os verdadeiros psicanalistas, ou os psicanalistas que não cedem diante de sua riqueza teórica frente ao sintoma da cultura que erroneamente os fazem parecer apenas “politicamente incorretos”.

Esta presente comunicação faz parte da minha pesquisa de doutorado em psicanálise na UERJ, com orientação do prof. dr. Felipe Castelo Branco e co-orientação da prof.^a dr.^a Carla Rodrigues. Na tese, busco encontrar uma resposta coerente com o percurso lacaniano para o motivo pelo qual ele nomeou com os mencionados significantes os lados das fórmulas da sexuação. Ênfase aqui para vocês desde agora, que considero a primeira leitura das fórmulas, problemática e pouco abrangente no que diz respeito ao próprio movimento da obra lacaniana. Problemática, no âmbito clínico, porque fundamenta escutas orientadas por uma normatividade a respeito do que deve ser homem e mulher para os parâmetros da psicanálise. A principal interpretação sobre os matemas sexuais com que trabalho e me fundamento, portanto, foi sustentada por Jean-Claude Milner em 1995 no seu livro intitulado *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. No capítulo de título “Literalidade e contingência”, Milner (1995, p. 57) propõe que “a sexualidade, na medida em que a psicanálise dela fala, nada é senão isso: o lugar da contingência infinita nos corpos”. A tese de Milner é que tanto o inconsciente, bem como a sexualidade, são parasitados pelo infinito, ou mais precisamente, no inconsciente e na sexualidade, “cruzam-se, como convém, o infinito e o contingente”. É o Milner, também, quem situa a escrita do primeiro matema lacaniano, isto é, as fórmulas da sexuação, como proposição que acompanha a construção do segundo doutrinal de ciência por parte de Lacan. Doutrinal de ciência, nos ensina Milner, é o conjunto das proposições do campo científico que Lacan está fiado. Assim, Milner nos oferece uma série de referências teóricas que, para ele, devem ser consideradas na leitura interpretativa das fórmulas da sexuação e que, então eu ressalto, não parecem ser suficientemente exploradas pelos psicanalistas da primeira leitura. Para nos aproximarmos do que Milner está chamando de infinito e contingência, precisamos conhecer outra tese por ele defendida no mesmo livro: há na obra lacaniana uma complexa e elaborada teoria do moderno e da ciência.

Em linhas muito gerais, o que Lacan considera moderno é a sinonímia entre literalização e matematização. Nesse sentido, ele inscreve a psicanálise na esteira da

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

discussão científica protagonizada pelos matemáticos Descartes, Cantor, Rusell, Godel e Boubarki. É complexa, embora mais conhecida, a elaboração lacaniana de que o sujeito da psicanálise não é outro senão o sujeito formal cartesiano, o sujeito da ciência, um sujeito sem qualidades. Cantor, por sua vez, foi quem retirou a discussão sobre o infinito do campo teológico e a realocou no campo matemático. Com este gesto, fez uma incontornável contribuição para a lógica moderna. Rusell e Godel tiveram grande influência no doutrinal de ciência lacaniano porque uma vez que levaram ao extremo o projeto de formalização da linguagem e da lógica, concluíram a máxima com que trabalha o Boubarkismo e Lacan: toda vez que se afirma um conjunto fechado, necessariamente, há um conjunto parasitário que, por negação de um elemento desse, forma outro conjunto, e assim, infinitamente. No livro ainda em questão de Milner, ele esmiúça o impacto da influência do projeto bourbarkista na psicanálise lacaniana. Um dos exemplos fáceis de aludir agora é a importância retórica de Boubarki, reconhecida nominalmente, na formatação da revista produzida por Lacan. Milner, portanto, lê as fórmulas da sexuação considerando todas essas referências e defende que o matema sexual de Lacan não tem a pretensão de apontar, enfim, o que significa ser homem ou mulher na teoria psicanalítica. Mas, ao contrário, mostra como um conjunto, o conjunto dos não-todo, é necessariamente parasitário do conjunto de “todo”. Para Milner, Lacan realiza o esforço de, tal como os mencionados matemáticos, estabelecer uma psicanálise que não tenha a mais a pretensão de unicidade. Dessa forma, o Lacan das fórmulas da sexuação, seria, portanto, um ultra-moderno.

Outro exemplo dado por Milner para se referir ao que ele chama de parasitismo necessário dos conjuntos que a psicanálise demonstra, é a sua reflexão proposta sobre o prefixo *un* da língua alemã em contraste do prefixo latino *in* :

se restringe sempre a delimitar o complementar do campo significado pelo positivo. [...] O *Unmensch* não é um não-humano, mas um homem desfeito, um monstro; o *Unkraut* é uma erva (*Kraut*), mas uma erva ruim, parasita; o *unheimlich* não é o inverso do familiar, mas um familiar parasitado por uma inquietude que o dispersa. [...] O infinito é o que diz não à exceção da finitude.” “O inconsciente parasita incessantemente o consciente; o prefixo *un* é apenas o selo desse parasitismo (MILNER, 1996, p. 55).

Bom, mas se Milner fundamenta teoricamente o porquê entende que os lados das fórmulas da sexuação não devem ser lidos enquanto fixos e separáveis, mas ao contrário, necessariamente parasitários, ainda não justifica em que consistiu o gesto de Lacan ter nomeado oralmente cada um dos lados por homem e mulher. Embora não

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

adentre tanto nesta seara, Milner nos sugere que o ato de Lacan é complexo e nos remete a discussão a respeito dos significantes homem, mulher, e seus atributos associados culturalmente, de uma forma menos dicotômica e excludente. Meu trabalho no doutorado, além do esforço de seguir o caminho de referências enfatizado por Milner e apontado por Lacan, consiste também em pesquisar quais eram as referências feministas que Lacan provavelmente estava referido quando estabeleceu este referido gesto de nomeação dos lados das fórmulas. Esta parte da pesquisa pode ficar pra outra comunicação. Hoje eu gostaria de concluir com essa crítica à primeira leitura das fórmulas da sexuação que segue contribuindo para escutas problemáticas, sobretudo, no que diz respeito a pessoas LGBTQIA+ e mulheres, embora não apenas.

Referências Bibliográficas:

FREUD, S. *Bate-se numa criança*. Zahar: 2020.

JORGE, M.A.C. "Nada está definitivamente conquistado" in: *Caro Dr. Freud: respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade*. Iannini, G. (org). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

JORGE, M.A.C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan.: A clínica da fantasia*. Editora Schwarcz, Vol. 2, 2021.

MILNER, J.C. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Jorge Zahar ed.: 1996.